

Os sonhos de Eliezer e Conceição

■ A economista e o engenheiro pensam o Brasil

CORRIOLANO GATTO

O engenheiro Eliezer Batista, 70 anos, e a economista Maria da Conceição Tavares, 64 anos, têm, à primeira vista, pouca coisa em comum. Batista, ministro de Assuntos Estratégicos no Governo Collor, é uma espécie de *chairman* da Companhia Vale do Rio Doce e costuma viajar pelo mundo vendendo a empresários influentes um produto chamado Brasil. Só ao Japão, fez mais de 100 viagens. Conceição, candidata a deputada federal pelo PT do Rio, desfila suas idéias pelos círculos da esquerda, da qual é uma das cabeças mais inteligentes e, seguramente, mais polêmicas.

Em um país onde os economistas passam o dia mais preocupados com termos maçantes como agregados monetários ou perdem um precioso tempo estimando a taxa ideal de câmbio no real, imaginar como será o Brasil na virada do milênio pode ser quixotesco. Pois foi justamente a esta ingrata tarefa a que se submetem Batista e Conceição. Quinta-feira passada, durante quase quatro horas, Conceição foi conhecer de perto as idéias do engenheiro. O encontro foi no Centro do Rio, na sede da Vale do Rio Doce. E, curiosamente, os dois constataram que têm muitas idéias semelhantes.

Único brasileiro a receber o título de *honoris causa* da Academia Russa de Ciências, Batista defende o que chama de planejamento físico para a economia. O primeiro a detectar isso foi Lucas Lopes, morto neste ano. Durante o Governo Kubistchek, nos anos 50, Lopes desenvolveu o binômio energia e transportes. Depois dele, nada mais foi feito de uma forma integrada.

Os governos militares, que ensinaram um salto mais consistente na economia, criaram, na verdade, um país fechado à concorrência externa e produziram uma brutal concentração de renda. Sem contar as generosas transferências do setor público para grandes empresas privadas paulistas, através do BNDES, o campeão dos financiamentos a juros abaixo da inflação.

Um mergulho no mundo do engenheiro, que fala nove idiomas, é conhecer expressões como telemática, uma combinação de informática com telecomunicações, ou desenvolvimento auto-sustentado, um conhecido jargão dos ecologistas modernos. Um modelo empresarial concretizado em empresas como a Aracruz Celulose, cujo projeto original saiu de suas mãos, ainda nos anos 60.

"Eu fiquei surpresa com o encontro, pois não vejo ninguém preocupado com isso", diz Maria da Conceição, que agora quer marcar um encontro de Lula com o engenheiro, que tem na discrição a sua marca registrada.

Eliezer Batista costuma expor suas idéias cercado por mapas, recheados com traçados de estradas e ferrovias. Ele defende a tese da economia física, um coquetel composto por três ingredientes: energia, telemática e logística. A logística é formada pelas vias, como ferrovias, hidrovias, rede de silos, armazéns etc. Adicione-se em cima dos territórios os problemas da energia e telemática. Da análise quantitativa, vão aparecendo as soluções.

Complicado? Delirante? Essas seguramente seriam as observações de boa parte da equipe econômica que, cada vez mais, põe o seu pé no curto prazo.

"Esses meninos só pensam no mercado", diz, irônica, Conceição, que vai buscar em Eliezer a inspiração para futuros projetos de Luiz Inácio Lula da Silva. "Na conversa com ele, eu lembrei dos meus tempos de Cepal", a Comissão Econômica para a América Latina. Nos anos 60/70, ela cuidava de planejamento, de problemas seguramente mais complicados do que projeções de inflação ou base monetária.

"Não existe mais planejamento no país. O Ipea (o órgão oficial responsável por pesquisas importantes no passado) acabou", afirma Conceição.

E desenhar estratégias de longo prazo é seguramente mais engenhoso. A grande obra de Eliezer Batista chama-se Vale do Rio Doce. Apesar



"É incrível que uma pessoa bem mais velha tenha idéias bem mais modernas do que estes meninos. Fiquei encantada com Eliezer"

de voltada para o mercado externo, a estatal — um dos raros exemplos de eficiência entre as companhias públicas —, a empresa sempre buscou a diversificação em seu negócio, atuando bastante também no mercado interno.

É precisamente essa combinação que surpreendeu Conceição. Quer dizer, não se pode ter um comércio externo pujante, apenas com o pragmático objetivo de fazer caixa para o país, como pregava Delfim Netto nos anos 80, e conviver com um país miserável. É preciso ter uma economia com músculos, um mercado interno forte.

"Eu fiquei encantada com essa integração nas idéias de Eliezer", diz a economista, professora aposentada da UFRJ, rouca após a maratona de comícios, seguindo a rotina implacável de qualquer candidato. "Não é possível exportar sem ter o mercado interno organizado", afirma.

O Nordeste Oriental, ali onde fica Fortaleza e a área mais pobre da região, foi um dos pratos do encontro. É possível, concluíram o engenheiro e a economista, irrigar o solo árido com a pouca água existente no rio São Francisco, para produzir hortigranjeiros de alta qualidade. As cidades da área poderiam ser interligadas por ferrovias para levar a produção a mercados estratégicos. O sonho de Eliezer e Conceição parece interminável, sem fronteiras. Em parte, voltam para as idéias do velho Lucas Lopes, aquele que tornou possível a aventura desenvolvimentista de JK, dos 50 anos em cinco.

"É incrível que uma pessoa mais velha tenha idéias bem mais modernas do que esses meninos", diz Conceição.

Animada, ela não vê a hora de marcar um próximo encontro com Eliezer. Desta vez, para tratar da globalização, um dos temas prediletos do engenheiro, que na juventude morou na Grécia e na Polônia, onde trabalhou como maquinista de trem. E do encontro não poderá faltar citações sobre Akio Morita, o criador do império Sony. Morita, amigo de Eliezer, costuma traduzir o milagre japonês na força do comércio externo, que aumentou os músculos do mercado interno, e deu prosperidade ao Japão. É a tese de que para pensar globalmente é preciso agir localmente.